



TERCEIRO MUNDO: QUEM É QUEM ?

Therezinha de Castro

INTRODUÇÃO

Finda a Segunda Guerra Mundial os aliados se dividiram; proliferaram pactos e acordos de defesa mútua — o TIAR (1947) e a OTAN (1949) de um lado, enquanto a Rússia se organizava numa aliança militar europeia formando o Pacto de Varsóvia (1967). Assim, nos vinte anos que se sucederam à Segunda Guerra Mundial o mundo mostrou-se dividido em dois blocos: Leste-Oeste ou Ocidente-Oriente. Mas, nesse contexto, sem encontrar fórmulas para o equilíbrio da distensão no âmbito da competição pacífica, *os interesses Leste-Oeste se deslocaram para o campo Norte-Sul*, ou seja, da Ásia para a África e desta para a América Latina dentro do chamado "equilíbrio do terror".

E se foi a Ásia o campo inicial do antagonismo Leste-Oeste, foi também neste continente, precisamente em Bandung, na Indonésia, que, em 1955, vinte e nove Estados, em Conferência Afro-Asiática, formularam *uma política de não-alinhamento*; e, com a finalidade utópica de não participar da bipolaridade, chamaram-se a si mesmos de *Terceiro Mundo*.

Como que para reforçar a política do não-alinhamento de Bandung, reuniam-se, em 1956, representantes da Iugoslávia (Tito), do Egito (Nasser) e da Índia (Nehru) para, numa espécie de *congracamento mundial Europa-África-Ásia*, tornar mais geral o movimento. No entanto, em 1979, o não-alinhamento perderia muito do seu valor intrínseco com a escolha de Cuba para sede da Conferência, muito embora o propósito de Mos-

cou em colocar, através de Havana, os não-alinhados em sua órbita não tenha sido plenamente atingido.

Observa-se assim que "as nações mais impacientes de uma ruptura do equilíbrio não são as industriais, visto que estas medem o preço dos conflitos anteriores, tendo, pois, consciência do balanço desastroso de um novo conflito". Assim sendo, curiosamente, *o desequilíbrio geopolítico mundial* vem sendo causado pelas "nações em situação de desenvolvimento, acossadas pela insolúvel contradição entre a miséria técnica, financeira e social e a aceleração de seu desenvolvimento demográfico". ("Panorama du Monde Actuel" — Pierre George.)

Instabilidade que vem sendo progressivamente alimentada com a "balcanização" do Terceiro Mundo. Balcanização favorecida pela implantação de numerosos *microestados*, ou mesmo estados surgidos como mero expediente da História produzidos, sobretudo, pelo processo desenfreado da descolonização. Estados que não são nações, sem possuírem pelo menos a relação linear entre os planos externo e interno, sem poderem, pois, reclamar pela justiça e equidade no plano internacional visto não se encontrarem capacitados para assegurar essas mesmas condições no plano nacional. Estados sem serem nações e microestados sem condições mínimas para serem países, mas que prontamente admitidos na ONU já formam nesse Organismo o quorum de 2/3. Entidades geopolíticas muitas ve-

zes fictícias que, além de representar uma minoria na população mundial, têm ainda área, produção e arrecadação menor que muitos municípios brasileiros.

Vem, pois, bem a propósito o pedido de inscrição na ONU feito pelo Vanuatu em julho de 1981, levando os 15 membros do Conselho de Segurança a se reunirem três vezes e consultarem os Departamentos de Pesquisa da Organização para ficarem sabendo — "quem era quem?". Era nada mais que um microestado, situado em 12 ilhas em pleno Pacífico, perfazendo 14.000 km² (a metade do nosso Estado de Sergipe), habitado por 100 mil pessoas, vivendo da exploração do coco e da pesca; chamara-se Novas Hébridas até a independência em 1980, e como Vanuatu conseguiu transformar-se no 155º membro da ONU.

O Vanuatu e o Brasil são, pois, membros da ONU em pé de igualdade e ambos integram o chamado Terceiro Mundo, onde pelo menos merece destaque a oportuna frase do estadista francês Talleyrand: "Carente de riqueza, uma nação não é senão pobre; privada de patriotismo é uma pobre nação".

BIPOLARIDADE

Dentro da teoria de Clausewitz nunca o agressor quer a guerra. E esta tem sido a tônica para todos os que se dedicaram ou se dedicam a alcançar a hegemonia mundial; esses têm sempre o seu motivo de ansiedade dirigido para os que podem ou poderão vir a ter capacidade para resistir contra essa hege-

monia. E, nesse contexto, levando a sério o futuro do triunfo universal do chamado "socialismo científico", os Estados Unidos são para a Rússia o motivo de ansiedade.

Os líderes soviéticos não desejam uma guerra nuclear com os Estados Unidos, mas contrabalançam a situação buscando a superioridade nuclear estratégica a que chamam de "*preponderância da capacidade*"; sendo esta para os soviéticos, no mais alto nível potencial, a maneira mais eficaz de escapar ao confronto.

Dentro da bipolaridade, outro conceito básico soviético é o da "*correlação de forças*"; dentro da doutrina de que todas as forças que controlam — política, psicológica, diplomática e econômica — devem ser coordenadas em função de um único pano de fundo — o *equilíbrio militar*. Por isso, quando a correlação de forças lhes é favorável exploram suas vantagens; caso contrário, recuam aguardando um novo equilíbrio que os venha favorecer. E é assim que tem agido a Rússia no âmbito heterogêneo e controvertido do Terceiro Mundo; a posição de Moscou perante Washington tem sido fria porém respeitosa, e quando tépida, sempre cautelosa dentro da *autoconfiança*. Nos últimos anos a autoconfiança tomou conta da Rússia, favorecida pela política de acomodação, a pedra de toque do governo Carter; mas a situação mudou no governo Reagan.

A Segunda Guerra Mundial, estendendo-se do Ártico ao Antártico, evidenciou a interdependência num mundo inicialmente dividido

em três áreas de influência — a da libra, a do dólar e a do rublo. Com o processo da descolonização e a conseqüente transmutação geopolítica sofrida pela Ásia, e ainda mais caracterizadamente pela África, nasceram os novos países. Desagregava-se o Império Britânico, desaparecendo praticamente a área da libra, implantando-se nela uma série de países pobres e pobres países que se juntavam a outros em outras zonas carentes do mundo, sobretudo na América Latina. Formava-se um mundo à parte, ou um Terceiro Mundo que passava a viver na *bipolaridade do dólar e do rublo*, muito embora só psicologicamente se venha querendo manter dentro do hipotético não-alinhamento.

INTERDEPENDÊNCIA

O Terceiro Mundo passou a ser termo usado para distinguir um todo bastante heterogêneo constituído por *países pobres ou emergentes englobando cerca de 90% da população mundial* (Mapa). Concluindo-se, pois, que em cada três pessoas apenas uma vive em nação rica, estimando-se que no final do século essa proporção venha a ser de 10/1. Por outro lado, mais de 80% das riquezas terrestres, mais de 80% do comércio e aproximadamente 90% da indústria se encontram fora do Terceiro Mundo.

Terceiro Mundo ou mundo à parte que se pudesse manter fora da bipolaridade e dentro de uma crescente solidariedade, talvez pudesse, de mero "sindicato" de na-

ções pobres e remediadas, se transformar numa força capaz de impor importantes revisões nos conceitos estratégicos mundiais.

No momento, porém, *dentro do neocolonialismo ou da interdependência* não é possível desacoplar o Norte do Sul, visto que a geopolítica da paz ainda se baseia no equilíbrio e equidistância que possam vir a manter os dois pontos extremos do hemisfério setentrional ocupados dentro da bipolaridade por Washington e Moscou.

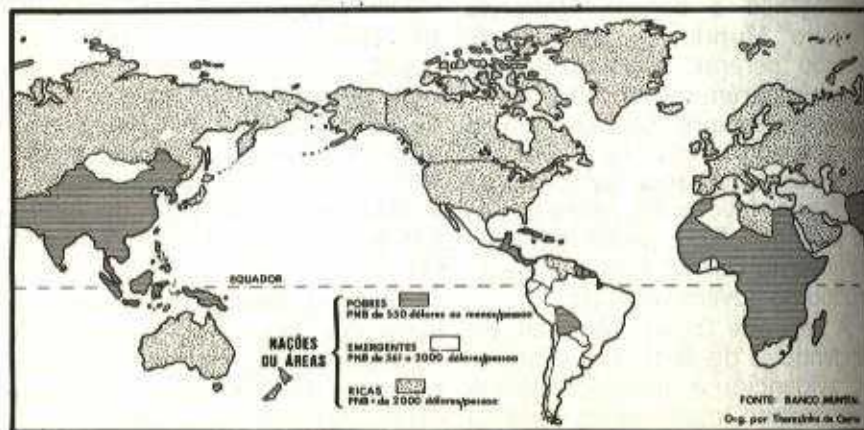
Em contrapartida, *o grande divisor de águas no relacionamento Norte-Sul vem sendo o Oriente Médio*, um renascer do "Crescente Fértil" da Antiguidade, onde se concentram os países árabes, detentores do petróleo. Têm sido, pois, as marchas e contramarchas desse instável mundo árabe que vêm chamando a atenção para o Terceiro Mundo.

Atualmente as nações do Terceiro Mundo constituem *mais de 2/3 no total dos 155 membros da ONU* (1981). Observa-se, no en-

tanto, que esses países tão díspares, com interesses econômicos ou regionais em choque, não conseguem, com freqüência, se apartar da bipolaridade, girando na área da interdependência; donde a ingerência dos dois grandes em vastas áreas que se estendem da Ásia, passam pela África e atingem a América, especialmente o Caribe (Mapa).

Não restam dúvidas de que se trata de um mundo à parte, sem que, no entanto, faça parte de um mesmo mundo já que engloba *países cujos interesses econômicos ou ideológicos se chocam com freqüência*. Mundo à parte onde se torna extremamente difícil distinguir geopoliticamente quem é quem.

Quem é quem, sobretudo entre países que se implantaram geopoliticamente depois da Segunda Guerra Mundial. E a maioria desses países, dentro da instabilidade que os caracteriza vê os Estados Unidos como a potência conservadora do "status quo"; vê como po-



tência que se mantém unida a França e Inglaterra, antigas metrópoles de muitas ex-colônias que integram o Terceiro Mundo. E desse contexto advêm, até certo ponto, vantagens para a Rússia, que se aproveita do fato para se colocar ao lado dos "nacionalistas" e "anticolonialistas" e até dos "não-alinhados" do Terceiro Mundo.

Muito embora a Rússia tenha colonizado e anexado mais da metade da Ásia, a incorporação desses povos e territórios sob a forma fictícia de uma "União Soviética" dá ao observador sempre menos avisado, que em geral lidera os países novos do Terceiro Mundo, a ilusão de uma liberdade institucional e intranacional dentro da URSS.

Dentro de uma vivência também utópica, sem interesses passados para defender, e com um futuro apenas por conquistar, muitas dessas nações do Terceiro Mundo, embora num mundo à parte, passaram a ser *causa da ruptura Leste-Oeste*.

Mundo à parte que na realidade não faz parte de um mesmo mundo tendo por isso que se submeter à bipolaridade. Observa-se então que nem sempre esse mundo à parte, que se diz não-alinhado, assim se mostra na ONU. Nesse órgão se combate a chamada "política imperialista" dos Estados Unidos no Caribe e, na faixa dos dois pesos e das duas medidas, vários delegados do Terceiro Mundo se esquivam em mencionar a situação de Cuba.

É também notório o duplo critério desse chamado mundo à parte com relação aos direitos huma-

nos. Há delegados do Terceiro Mundo combatendo frontalmente o governo direitista chileno de Pinochet, mas aceitando a justificativa do esquerdista Mengistu Marien (Presidente de um Conselho Provisório desde 1974), que informou a um Comitê da ONU não ser seu país suficientemente desenvolvido para manter os direitos humanos.

É notória a parcialidade desses delegados do Terceiro Mundo na ONU combatendo o apartheidismo da República da África do Sul, mas omitindo-se ante os numerosos massacres que se efetuam entre tribos negras. Daí o ex-ditador Idi Amim Dadá haver surpreendido a ONU em 1980 quando, em discurso, repreendeu os delegados do Terceiro Mundo afirmando que seu povo, ou melhor, sua tribo, ficara "profundamente desapontada com o silêncio da Organização na época de suas maiores provações". Isto porque no âmbito do Terceiro Mundo Africano é quase que uma praxe a perseguição entre tribos negras que se valem da deposição de seus líderes políticos.

Dentro porém de toda essa parcialidade os delegados do Terceiro Mundo impõem de 20 a 25 Resoluções na ONU.

HETEROGENEIDADE

Um dos tópicos fundamentais da ONU que mais interessam ao Terceiro Mundo é o da "*nova ordem econômica internacional*"; proposta por delegado do Terceiro Mundo numa sessão especial da ONU em 1964, tendo como ob-

jetivo pressionar os países industrializados por mais ajuda, mais concessões comerciais, mais garantias de mercados, preços mais justos para seus produtos, como também voz mais decisória nas instituições financeiras básicas que o Ocidente controla.

A doutrina de que as nações têm "direitos econômicos" e que é dever da comunidade mundial assegurá-los, foi formalmente adotada pela Assembléia Geral da ONU em 1974 através da "Declaração sobre Direitos e Obrigações Econômicas".

Graças a essa Declaração o Terceiro Mundo recebe substancial ajuda da ONU cujo "Programa de Desenvolvimento" se tornou, pode-se dizer, o núcleo mais efetivo daquele sistema internacional. E, nesse contexto, enquanto os Estados Unidos e os países Ocidentais vêm concorrendo, a Rússia e o bloco Oriental fornecem ajuda mínima ao Terceiro Mundo argumentando não serem os responsáveis pelo atraso desses países, pois não os colonizam.

E, embora a Rússia tenha pressionado muitos países, notadamente africanos, ao neocolonialismo, o governo de Moscou não age mais fundamentado numa frente comum soviética no Terceiro Mundo contra o Ocidente. Esse recuo temporário resulta do fracasso da Rússia em estabelecer relações comerciais satisfatórias com os países subdesenvolvidos ao lado de sua inadequação como "doadora de ajuda".

Afastando países imaturos do "colonialismo ocidental" e atrain-

do-os para o "neocolonialismo oriental", procurou Moscou, durante os últimos vinte anos de assistência, criar uma alternativa para a ordem econômica mundial. A ajuda econômica soviética era orientada para a expansão do setor público e a nacionalização de companhias ocidentais. As duas estratégias tinham como objetivo induzir o novo e imaturo país ao rumo do desenvolvimento não capitalista.

Quando a Rússia procurou substituir a tradicional "exploração imperialista" por uma "nova e mais equitativa divisão do trabalho socialista internacional", passou a fornecer maquinarias com condições cômodas de crédito em troca de importação de matérias-primas. No entanto, *a Rússia e seus aliados do Leste Europeu não tiveram muito sucesso nos mercados do Terceiro Mundo*; assim, embora em 1981 tenha conduzido 12% de seu comércio com países subdesenvolvidos, a quota de exportação desses países, endereçada ao bloco soviético, oscilou em torno dos 5%.

A barragem de Assuan, por exemplo, não surtiu grandes efeitos como forma de desacreditar o Ocidente. Em agosto de 1956, quando os Estados Unidos, a Inglaterra e a França se recusaram a financiar o ambicioso empreendimento, o Presidente Gamal Abdel Nasser tomou duas decisões: entregou a execução do projeto à Rússia acatando o processo de satelização do Egito; e nacionalizou o canal de Suez, levando os israelenses a ocuparem o Sinai para garan-

tirem sua passagem no bloqueado estreito de Tiran.

Do episódio ficou o "presente de grego" que custou ao Egito 1,5 bilhão de dólares (quase três vezes mais a estimativa inicial), parte da qual em dívidas contraídas com a Rússia e que ainda não foram pagas. Menos de dois anos após a conclusão da obra, os russos eram expulsos do Egito por Anwar Sadat, sucessor de Nasser. Portanto, a orientação socialista em instáveis e heterogêneos países do Terceiro Mundo acarreta para o governo de Moscou não somente vantagens políticas, muitas vezes efêmeras, como ainda pesadas dores de cabeça.

Diante de tais fatos, para resguardar-se de riscos no Terceiro Mundo, o Kremlin tem revisado as teorias que usava, servindo-se, muitas vezes, de citações de Lenine, que mandava que fosse sempre evitado o *socialismo prematuro*.

Ciente de que não pode tão facilmente alcançar o controle dos recursos naturais do Terceiro Mundo e nem ignorar a evidente superioridade do Ocidente num mundo heterogêneo cada vez mais interdependente, *Moscou tem demonstrado disposição para se envolver em acordos múltiplos*, como o que ocorreu quando da construção de um oleoduto na Nigéria. No caso, o Ocidente oferece tecnologia avançada, a Rússia ou algum elemento do Bloco se apresenta com a intermediária, enquanto países do Terceiro Mundo oferecem condições de trabalho mais baratas para exploração ou exploração de suas matérias-primas.

Enquanto a quota do Bloco Soviético no total de receitas da ajuda ao Terceiro Mundo é de menos de 3%, levando por isso os países menos desenvolvidos a não buscarem grandes empréstimos no Oriente, a ONU mantém mais de 4.000 projetos diversos que vão desde a prospecção de recursos minerais, melhorias no setor agropecuário, sistema de comunicações e assistência aos países pobres. Países pobres, que comodamente, em vez de estabelecerem embaixadas, passaram a se valer da própria ONU para sua diplomacia multilateral e negociações bilaterais.

Por sua vez, a ONU tem sido, para muitos países do Terceiro Mundo uma autêntica escola de vivência política; sabe-se que após representarem seus países na ONU, muitos delegados regressam à terra natal onde assumem postos ministeriais. A ONU tem sido, na realidade, uma espécie de "jardim de infância" para líderes do Terceiro Mundo. Esse mesmo heterogêneo Terceiro Mundo, expressão generalizada que não consegue, senão ficticiamente, abranger a *variedade de culturas, economias e ideologias*, e que deve, portanto, ter estratégia destinada a um por um em particular, num autêntico posicionamento de quem é quem.

Enquanto a ONU continua apontando a quem as nações ricas devem ajudar, *os árabes*, transformados nos senhores feudais da economia, identificados com o mito nacional da libertação, também se omitem, tanto quanto a Rússia. Sem auxiliar aos demais países do Terceiro Mundo com créditos e re-

forços financeiros, a balança comercial dos países em desenvolvimento que importam petróleo acusou um déficit de 69 bilhões de dólares em 1981, enquanto os membros da OPEP apresentaram um superávit de 100 a 120 bilhões de dólares.

Por sua vez, o total dos desembolsos da Rússia e Bloco Oriental foi de apenas 1 bilhão e 800 milhões de dólares, sendo, coincidentemente, a maior parte dessa quantidade canalizada para Cuba e Vietnã. Já os desembolsos líquidos para a Nicarágua, Índia, Iraque, Afeganistão e Iêmen do Sul somaram apenas 280 milhões de dólares. É interessante ainda ressaltar, que dois grandes empréstimos soviéticos feitos ao Afeganistão foram para alimentos e bens de consumo, e que entre os beneficiários dos bens importados se encontram as tropas soviéticas de ocupação. Quanto ao Iêmen do Sul, os empréstimos se destinaram às obras portuárias que beneficiaram a Marinha Soviética no Oceano Índico.

Sabe-se que os Estados Unidos vendem mais produtos ao Terceiro Mundo do que a Europa Ocidental e o Japão juntos. E, nessas condições, urge aos Estados Unidos para manter tal posicionamento, a adoção de medidas ativas e positivas, visto que a cooperação técnica e econômica entre os países do Terceiro Mundo não é uma novidade passageira. Combatê-la ou ignorá-la só poderá produzir efeitos negativos.

No âmbito heterogêneo do Terceiro Mundo existem países dependentes ou pobres ao lado dos

emergentes ou em desenvolvimento. Os países em desenvolvimento como o Brasil, o México e a Coreia do Sul, por exemplo, têm em outras nações do Terceiro Mundo mercados para seus próprios produtos. Por outro lado, 50 dentre as 500 maiores empresas estrangeiras relacionadas pela revista "Fortune" são multinacionais pertencentes a governos ou empresários do próprio Terceiro Mundo. Nessas condições é necessário saber-se quem é quem no âmbito do Terceiro Mundo, visto que para os Estados Unidos a cooperação com este bloco heterogêneo é uma faca de dois gumes — constitui, na prática criar futuros competidores.

Coube, assim, ao Professor P. T. Bauer, em seu livro "Dissent and Development" *demolir a ideologia da ajuda externa*. Aponta para tal a Agência de Desenvolvimento Internacional do Canadá concedendo um empréstimo de 10 milhões de dólares a Cuba, que se apresentava com gastos muito altos na manutenção de tropas em Angola. Essa mesma Agência enviou máquinas de lavar pratos para o Senegal, área com alta taxa de desemprego, exemplo ainda bem trivial se comparado com os casos de excessos burocráticos que a ajuda externa financiou em alguns países do Terceiro Mundo.

Nessas condições, no Ocidente, a descrença em oferecer mais ajuda aos países do Terceiro Mundo se reflete muitas vezes na premissa de que equivale a taxar os pobres dos países ricos para ajudar aos ricos nos países pobres.

De um modo geral, no âmbito

heterogêneo do Terceiro Mundo, a ideologia da ajuda externa gera oportunismos. Oportunismos de que se tem valido bastante a Rússia; sobretudo no âmbito da ONU, que o delegado soviético Jacob Malik considera de grande e substancial importância visto que o seu país consegue "usá-la mais do que outro país, da melhor maneira possível".

Agrupamento heterogêneo, o Terceiro Mundo é formado por países subdesenvolvidos em sua maior parte, mas também por países emergentes, ou seja, em desenvolvimento (Mapa). O Terceiro Mundo inclui importadores de petróleo como o Brasil e a Índia, ao lado de exportadores como a Venezuela e o Iraque; abrange países com dívida externa como a Argentina, o México e a Turquia ao lado de credores como a Arábia Saudita e o Koweit.

Engloba países com ampla dose nacionalista, muitos dos quais atingindo as raias do xenofobismo, bem como nações comunistas, pró-comunistas e também anticomunistas. Distinguindo-se ainda países autoritários e os de regime totalitário.* Os autoritários são hostis à Rússia e se os Estados Unidos não os consideram como amigos chegados por violarem os

* No regime autoritário é suprimida a liberdade política mantendo-se outras como o culto religioso, mudança de emprego, saída do país etc. No totalitário são suprimidas todas as liberdades visto que a ideologia vigente determina toda a vida não só política como também social e econômica.

direitos humanos, sabem também que não são seus inimigos por partilharem do inimigo comum. Já os de regime totalitário são facilmente conhecidos, pois como autênticas "democracias populares" têm o irrestrito apoio de Moscou.

Dentro, pois, desse contexto, a Rússia vem adotando a "geopolítica dos pequenos passos"; quando por omissão dos ocidentais se faz, em nome dos "direitos humanos", um vácuo, os russos o preenchem logo. E, observada a questão dentro do enfoque evolutivo das teses geopolíticas, veremos que "os pequenos passos" seguem:

— Mackinder (1904) dentro do contexto de que quem dominasse a Europa Oriental dominaria o centro do mundo, dominando, conseqüentemente, a ilha mundial (Eurásia e África) e quem governasse a ilha mundial governaria o mundo.

— Spykman (1942) ao reformular a lógica de Mackinder complementando-a com o quem controlasse as fímbrias (áreas periféricas do continente Eurasiático) governaria a Eurásia e quem governasse a Eurásia controlaria o mundo.

— Brzezinski (1968) ao afirmar na revista "Encounter" que se a Rússia conseguisse paridade nuclear com os Estados Unidos, os dois países, como potências militares globais haveriam de se sobrepor numa confrontação em regiões distantes, nas áreas periféricas; daí os confrontos das duas superpotências na periferia heterogênea do Terceiro Mundo.

Conclui-se, pois, no contexto geral, que a realidade do Terceiro

Mundo se mantém na diversidade econômica, cultural e política. E, por isso, em conjunto, *o Terceiro Mundo é mais um mito do que propriamente uma realidade.*

DEMOPOLÍTICA

"O crescimento da população nos países em desenvolvimento é o maior desafio em nossa época e o problema central para esses mesmos países. A explosão populacional ameaça a segurança da alimentação e do emprego, e leva a problemas urbanos sem solução". São palavras de Helmut Schmidt registrando o grande problema de estar a avaliação da população mundial em 4,4 bilhões de habitantes, dos quais 2,3 bilhões vivem nas terras mais pobres, outros 600 milhões estão em nações emergentes, enquanto 1,1 bilhão vive nos chamados países ricos.

No todo essa população apresenta uma taxa de crescimento anual de 1,63%; conseqüentemente, até o ano 2110 haverá na Terra 10,5 bilhões de pessoas com 90% delas concentradas nos países em desenvolvimento. E, em se tratando do Terceiro Mundo, nesse mesmo ano base 2110 estarão vivendo 5,8 bilhões na Ásia e zonas circunvizinhas, 2,1 bilhões na África e 1,2 bilhão na América Latina.

São avaliações da ONU, que em 1984 deverá ter concluído os recenseamentos gerais iniciados em 1980. Com base nos números já obtidos, a ONU chegou à seguinte conclusão: *o planejamento familiar* vem sendo praticado em quase todas as nações e, conseqüente-

mente, a *taxa de natalidade* vem num constante declinar.

Dentre os países com taxa de natalidade mais elevada no período 1970-80, a Costa do Marfim foi o líder absoluto com 5,5% ao ano, seguindo-lhe a Síria (3,6%), Quênia e Tanzânia (3,4%); a China, que tem atualmente 997 milhões de habitantes, e a Índia, com 673 milhões, apresentaram a mesma taxa de 1,9%. Observa-se que o Banco Mundial, chegando a conclusões bem semelhantes às da ONU, mostra que no Brasil o "crescimento zero" deverá ser atingido no ano 2175 com 177 milhões de habitantes.

De acordo com a FNUAP (Fundo das Nações Unidas para Assuntos de População) só no ano 2110, ou seja, dentro de 130 anos, o crescimento da população mundial chegará ao "nível zero". A Europa será o primeiro continente a atingi-lo e o fará dentro dos próximos 50 anos; será seguida pela América do Norte (ano 2060) e União Soviética (2100) ao mesmo tempo que a América Latina. Para a Ásia o evento só ocorrerá no ano 2090, sendo que a África será o último continente a atingir o "crescimento zero" (ano 2110).

Da população de 10,5 bilhões prevista para habitar a Terra no ano 2110, cerca de 9,1 bilhões estarão vivendo nos países hoje em desenvolvimento; por sua vez, a Ásia e a África, como regiões mais pobres, contarão com 60% da população mundial, restando 13% para as nações ricas. Diante de tais números o Relatório da FNUAP mostra que *as tensões sociais resu-*

tantes do crescimento desordenado da população continuarão ainda a marcar todos os aspectos da vida do Planeta. E conclui que para melhor prevenir urge que se efetive *uma integração entre o crescimento demográfico e os programas de desenvolvimento*; assinalando ainda ser plenamente possível obter o controle demográfico dos países pobres até o fim do século através de esforços para melhorar os serviços de saúde, ampliação do acesso à educação e redução das disparidades de renda.

Gerando o anonimato, *as concentrações urbanas* contribuem, em grande parte, para a própria indiferença para com o cidadão; nessas condições, observa-se que *o respeito pelo ser humano decresce na proporção da pressão demográfica*. E se o desenvolvimento das nações se encontra intimamente ligado à industrialização, como consequência esta gera os aglomerados urbanos; por outro lado, mesmo em se tratando de países desenvolvidos, a agricultura será forçosamente sacrificada, como, por exemplo, no caso do Japão, que na década de 1960-70 perdeu 7,3% de suas terras cultiváveis.

Nesse contexto é mister se notar que em muitos países do Terceiro Mundo, e entre eles o Brasil, *a produtividade agrícola vem decaindo em função do alto crescimento urbano*. Em 1950 viviam 50 milhões de habitantes nas grandes cidades; em 1980 esse número já chegava aos 250 milhões, o que leva a previsão de que no ano 2000 os habitantes dos núcleos urbanos já somarão 650 milhões.

Curiosamente, com exceção de Nova York, Tóquio e Los Angeles, as outras 12 cidades dentre as 15 apresentadas pelo estudo da ONU, em reunião ocorrida em Roma (1980), pertencem ao Terceiro Mundo. Na lista das 15 cidades mais populosas do ano 2000, o Rio de Janeiro e S. Paulo ocupam respectivamente a sétima e segunda colocações. A cidade do México, a mais populosa, contará então com cerca de 31 milhões de pessoas, enquanto S. Paulo e o Rio de Janeiro apresentarão 25,8 milhões e 19 milhões respectivamente.

Conclui, nessas condições, que levando-se em conta a incógnita de como no futuro poderá ser garantido *o abastecimento de alimentos* nesses aglomerados urbanos, é notório, no âmbito do Terceiro Mundo, que o investimento na agropecuária deva ser, com urgência, prioritário. E, dentro deste pensamento, na *reunião de Cancun de 1º de agosto de 1981, preparatória do diálogo Norte-Sul*, observou o representante brasileiro, Ministro Saraiva Guerreiro que "a recuperação das economias altamente industrializadas está agora diretamente relacionada com a mobilização efetiva do vasto potencial econômico do Terceiro Mundo".

Nessa reunião preparatória os representantes de 22 países chegaram a um acordo básico para o temário do encontro de cúpula que se realizou em Cancun em outubro do mesmo ano, assim discriminado: *segurança alimentar e desenvolvimento agrícola; produtos básicos, comércio e industrialização*;

energia; problemas monetários e financeiros.

O temário da reunião de cúpula prender-se-ia, no entanto, mais no fato global de um sistema internacional com base na bipolaridade. Bipolaridade que reflete o predomínio econômico e militar dos dois grandes interlocutores, num Norte que se configura nos avanços do Ocidente e Oriente, marginalizando o sul.

Nessas condições, a Conferência Norte-Sul realizada em Cancun* foi convocada por iniciativa do México e da Áustria, com base no proposto pela *Comissão Brandt*, que se imbuíu do agudo senso da crise; crise indicada pela calamitosa situação econômica internacional que a década de 1980 veio presenciando.

DIÁLOGO NORTE-SUL

O recente agravamento da deterioração da economia mundial é caracterizado pela *intensificação do protecionismo e baixa dos preços das matérias-primas*, caracterizando a defasagem Norte-Sul. Para minimizar a defasagem, o Relatório Brandt recomenda que os países industriais reduzam as barreiras impostas à importação de bens manufaturados dos países em desenvolvimento; que regulem os preços das matérias-primas para que se aumente a participação dos países em desenvolvimento na exploração de seus próprios recursos naturais; que se aumente a partici-

pação dos países em desenvolvimento em instituições como o Fundo Monetário Internacional (FMI) ou o Banco Mundial; e que se elaborem normas internacionais regulamentando a atividade de empresas multinacionais como também a transferência de tecnologia.

Com base nas indicações do Relatório Brandt, e vendo falhar a Resolução 34/138 aprovada pela 34ª Assembléia-Geral da ONU (1979) que propunha "um novo ciclo de negociações globais e contínuas sobre a cooperação econômica internacional para o desenvolvimento", reuniu-se a Conferência Norte-Sul, em outubro de 1981, na ilha mexicana do Caribe.

A essa reunião, cujo nome oficial foi "*Encontro Internacional de Cooperação e Desenvolvimento*", compareceram oito países industrializados representando o Norte e 14 representantes do Sul. A Rússia não aceitou o convite alegando que nada tinha a fazer visto que eram "os poderes colonialistas" os únicos culpados pela pobreza do Terceiro Mundo.

Representado pelo Chanceler Saraiva Guerreiro o Brasil defendeu a *mudança das regras do jogo do comércio mundial* lembrando a necessidade de se criar em todos os campos do GATT (General Agreement on Trade and Tariffs), traduzindo-se por "Acordo Geral Sobre o Comércio e Tarifas", medidas favoráveis aos países em desenvolvimento. Atacou o protecionismo sufocante defendendo a eliminação de barreiras tarifárias sobretudo para os produtos produzidos pelos países em desenvolvi-

* Significa ninho de víboras em dialeto maia.

sentes em Cancun, sobretudo pelo contraste que fez com o boeing 707 que transportou o Presidente Reagan, dos Estados Unidos.

Por isso, no quem é quem no âmbito do Terceiro Mundo sabe-se que *os petrodólares* reciclados para os países industrializados excedem ao que esses Estados detentores do "ouro negro" proporcionam a título de empréstimos e créditos, geralmente em condições não muito vantajosas, ao Bloco Sul.

Em 1980 as exportações para o mundo industrializado, provenientes dos países em desenvolvimento não exportadores de petróleo, constituíam 63% do seu total, sendo de 62% suas importações. Em contrapartida, *caracterizando a ausência de uma estratégia Sul-Sul*, as exportações entre os países do Terceiro Mundo foram de 3,6% contra 5,2% de importações.

Analisando essa situação, o Relatório Brandt chama a atenção para a necessária cooperação Sul-Sul; indica que a lacuna entre o Norte-Sul pode vir a se estreitar se as nações em desenvolvimento reduzirem ao máximo sua excessiva confiança no mundo industrializado para intensificar a cooperação bilateral, regional e multilateral dentro do Terceiro Mundo.

O Grupo dos 77 tem ficado, nesta estratégia, apenas nas promessas já que três fatores vêm mantendo o Terceiro Mundo muito dependente do Bloco Norte: além do comércio, a necessidade da transferência de tecnologia,

bem como os recursos financeiros para o desenvolvimento.

CONCLUSÃO

Tanto para os governos capitalistas quanto para os comunistas as vitórias do período 1950-70 "guerra fria" e da "paz morna" deram lugar a um fracasso comum: seus "índices de miséria" representados pela taxa de desemprego e inflação subiram.

A publicação "Equilíbrio Mundial - 1980-81" do Instituto de Estudos Estratégicos de Londres mostra que "a crescente preocupação e atenção com conflitos militares no Terceiro Mundo, combinadas com considerações econômicas vão desgastando as tentativas anteriores de controlar a venda de armas modernas a países em desenvolvimento". E, dentro desse contexto, a situação é afetada pelo destacamento de belonaves para atuarem fora da OTAN, com repercussão na contínua escalada soviética dentro da Doutrina Gorshkov de facilidades navais.

No âmbito do Terceiro Mundo afirma a referida publicação do Instituto de Estudos Estratégicos que *o Brasil continua sendo a principal potência militar da América do Sul*; suas Forças Armadas contam com um total de 272 mil homens (contando-se com os 113 mil recrutados para o Serviço Militar obrigatório de um ano). No Caribe, Cuba conta com um Exército "sensivelmente equivalente ao do Brasil em homens e equipamentos".

sentos em Cancun, sobretudo pelo contraste que fez com o boeing 707 que transportou o Presidente Reagan, dos Estados Unidos.

Por isso, no quem é quem no âmbito do Terceiro Mundo sabe-se que *os petrodólares* reciclados para os países industrializados excedem ao que esses Estados detentores do "ouro negro" proporcionam a título de empréstimos e créditos, geralmente em condições não muito vantajosas, ao Bloco Sul.

Em 1980 as exportações para o mundo industrializado, provenientes dos países em desenvolvimento não exportadores de petróleo, constituíam 63% do seu total, sendo de 62% suas importações. Em contrapartida, *caracterizando a ausência de uma estratégia Sul-Sul*, as exportações entre os países do Terceiro Mundo foram de 3,6% contra 5,2% de importações.

Analisando essa situação, o Relatório Brandt chama a atenção para a necessária cooperação Sul-Sul; indica que a lacuna entre o Norte-Sul pode vir a se estreitar se as nações em desenvolvimento reduzirem ao máximo sua excessiva confiança no mundo industrializado para intensificar a cooperação bilateral, regional e multilateral dentro do Terceiro Mundo.

O Grupo dos 77 tem ficado, nesta estratégia, apenas nas promessas já que três fatores vêm mantendo o Terceiro Mundo muito dependente do Bloco Norte: além do comércio, a necessidade da transferência de tecnologia,

bem como os recursos financeiros para o desenvolvimento.

CONCLUSÃO

Tanto para os governos capitalistas quanto para os comunistas as vitórias do período 1950-70 da "guerra fria" e da "paz morna" cederam lugar a um fracasso comum: seus "índices de miséria" representados pela taxa de desemprego e inflação subiram.

A publicação "Equilíbrio Militar — 1980-81" do Instituto de Estudos Estratégicos de Londres mostra que "a crescente preocupação e atenção com conflitos militares no Terceiro Mundo, combinadas com considerações econômicas vão desgastando as tentativas anteriores de controlar a venda de armas modernas a países em desenvolvimento". E, dentro deste contexto, a situação é afetada pelo destacamento de belonaves para atuarem fora da OTAN, com repercussão na contínua escalada soviética dentro da Doutrina Gorshkov de facilidades navais.

No âmbito do Terceiro Mundo afirma a referida publicação do Instituto de Estudos Estratégicos que *o Brasil continua sendo a principal potência militar da América do Sul*; suas Forças Armadas contam com um total de 272 mil homens (contando-se com os 113 mil recrutados para o Serviço Militar obrigatório de um ano). No Caribe, Cuba conta com um Exército "sensivelmente equivalente ao do Brasil em homens e equipamentos".

Conclui o Instituto de Estudos Estratégicos que a preocupação de um possível conflito militar no Terceiro Mundo, unida a considerações econômicas, "solapam as intenções anteriores de controle de venda de armas modernas a países em desenvolvimento". E se a "disponibilidade de armas está crescendo nesta área do Terceiro Mundo, vários países tentam agora exportá-las, em particular o Brasil, Israel e a Argentina". Assim, a política de recusar armas a áreas de tensão não vem funcionando "tanto por temores competitivos como por incentivos econômicos".

Cancun não tocou nesse aspecto militar, ateve-se ao processo econômico. Nessa reunião quase nada se conseguiu, sobretudo em se tratando de dar maior flexibilidade para o sistema econômico criado

por Bretton Woods. Para Saraiva Guerreiro urge que o FMI e o Banco Mundial se tornem eficientes e adaptados às realidades atuais; e dentro da realidade, essas organizações são dirigidas pelos grandes contribuintes, e, entre eles, nem mesmo os árabes se mostram propensos a assumir a responsabilidade da saúde financeira num mundo tão competitivo e conturbado.

O diálogo Norte-Sul de Cancun avançou muito pouco, além das múltiplas promessas de se continuar conversando; não deixou um comunicado final, mas somente um resumo das discussões. Este resumo ou "*Declaração de Cancun*" limita-se tão-somente a registrar "um espírito de colaboração", dentro da manifesta esperança de futuramente "converter as idéias em projetos".



Therezinha de Castro — Bacharel e Licenciada em Geografia e História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Especialização: Geopolítica e Relações Internacionais. Além de outras obras, escreveu "Rumo à Antártica", em que defende os direitos do Brasil no Continente Antártico, "História da Civilização Brasileira", "Atlas-Texto de Geopolítica do Brasil", "África — Geohistória, Geopolítica e Relações Internacionais".